

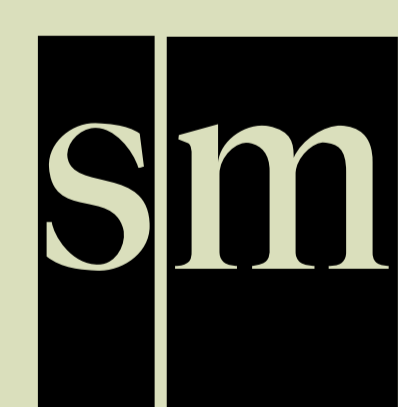
realização



Bartolomeu Campos de Queirós

uma inquietude encantadora

patrocínio



COSACNAIFY



Moderna



SALÃO FNLIJ DO LIVRO
PARA CRIANÇAS E JOVENS 14ª edição

Bartolomeu Campos de Queirós

Falecido em 16 de janeiro deste ano de 2012, é o grande homenageado do 14º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens.

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, como seção brasileira do International Board on Books for Young People/IBBY, teve a honra de indicá-lo como candidato ao Prêmio Hans Christian Andersen, na categoria escritor, por quatro vezes. A primeira foi em 1998. Depois, em 2008, 2010 e 2012.

Nesses últimos três anos, Bartolomeu foi um dos cinco finalistas confirmando a qualidade da sua obra também sob o olhar crítico de especialistas estrangeiros.

Inúmeras serão as formas de lembrá-lo e homenageá-lo. Além de artista da palavra, pautou a sua vida na defesa da democracia, da liberdade e do direito a uma vida digna, onde a infância e a adolescência ocuparam sua atenção de maneira especial. Destacando a arte como a principal interlocutora para interpretar e entender a complexidade da vida, fez da literatura a sua principal bandeira.

Para homenageá-lo, organizamos, entre outras ações, a exposição **Bartolomeu Campos de Queirós - Uma Inquietude Encantadora**, baseada no dossiê que a FNLIJ apresentou ao IBBY para a candidatura ao prêmio HCA. Acrescentamos uma entrevista, de 2003, de Bartolomeu para o Notícias do 5º Salão ao jornalista Marcio Vassalo, cujo título dá nome à exposição. Consideramos relevante reproduzir algumas das despedidas de seus muitos amigos e as mensagens enviadas por seus editores, a nosso pedido. Ao final da exposição, incluímos a lista dos 60 livros escritos por Bartolomeu.

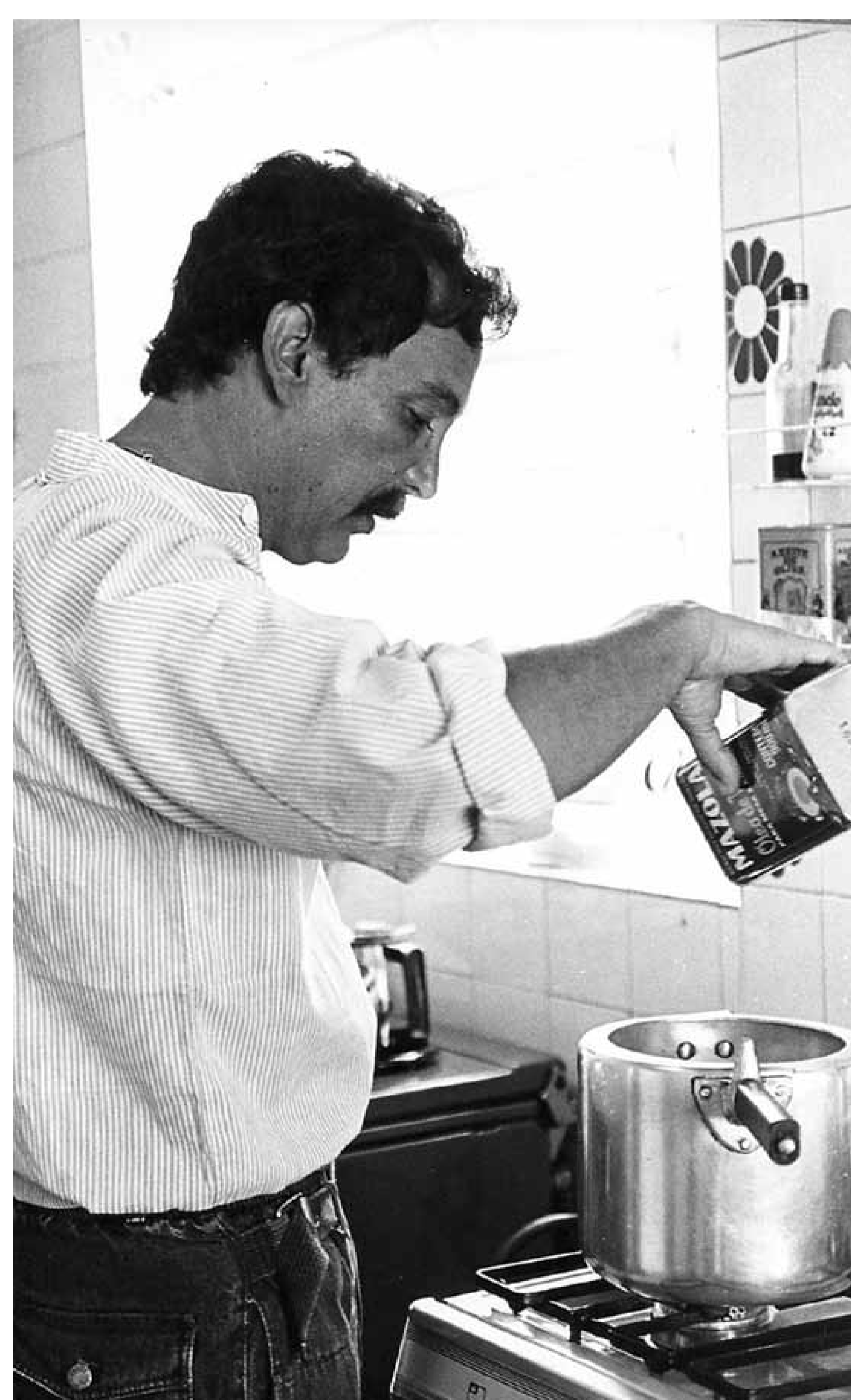
A exposição foi também concebida para o formato digital com o objetivo de ser reproduzida por todos que queiram divulgar a obra desse brasileiro que fez a diferença lapidando palavras e fazendo-as brotar em sua prosa poética.

Registramos nossos agradecimentos a todos que tornaram possível organizar, tão rapidamente, essa exposição sobre uma parte de uma vida tão rica e cheia de histórias como foi a de Bartolomeu Campos de Queirós.



Biografia

Bartolomeu nasceu em 1944 em Pará de Minas, no centro-oeste mineiro. Sua cidade do coração, Papagaio, está presente nas suas narrativas pela vida simples e pitoresca do campo. Morou em Belo Horizonte, onde dedicava seu tempo a ler e a escrever prosa, poesia e ensaios sobre leitura, literatura, educação e filosofia. Educador, com diversas experiências em arte-educação, no Brasil e no exterior, atuou como consultor em diversas instituições. Participou ativamente do Movimento Por um Brasil Literário, desde a criação, em 2009, sendo o autor do Manifesto do MBL. Sua obra literária, com 60 títulos publicados, está dirigida às crianças, aos adolescentes e aos adultos. Está traduzida em outros países e já recebeu inúmeros prêmios nacionais e internacionais. São obras que abordam jogos de palavras em versos; a passagem do tempo; as relações familiares; a vida e a morte; a memória; a infância; a brincadeira; a existência e outros temas universais.



Alguns dos muitos prêmios nacionais e internacionais:

JABUTI (CBL)

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL)

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRÍTICOS DE ARTE (APCA)

NESTLÉ DE LITERATURA

BIENAL DE BELO HORIZONTE

BIENAL DE SÃO PAULO

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL

ROSA BLANCA (CUBA)

QUATRIÈME OCTOGONAL (FRANÇA)

IBEROAMERICANO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL SM

Apresentação da FNLIJ para a candidatura ao Prêmio Hans Christian Andersen - IBBY

É com enorme prazer que a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, como seção brasileira do IBBY, apresenta a candidatura de Bartolomeu Campos de Queirós para o prêmio Hans Christian Andersen, de 2012, na categoria escritor.

Bartolomeu começou a publicar seus livros na década de 70, juntamente com as autoras brasileiras vencedoras do Prêmio HCA Lygia Bojunga e Ana Maria Machado, além de outros grandes autores, e não parou mais. Suas criações fazem parte da literatura infantil brasileira contemporânea que promoveu uma mudança na linguagem dos textos para o público infantil e juvenil. Às características comuns a esse grupo como a linguagem coloquial, a ausência de fronteiras quanto aos temas e o uso de metáforas, Bartolomeu se destaca também pelo trabalho cuidadoso com cada palavra e pelo tom lírico de seus textos que mobilizam o afeto, a imaginação e o pensamento dos seus leitores. Sua obra é voltada para o público infantil e juvenil, com 60 livros publicados, entre prosa e poesia. Alguns de seus livros já foram traduzidos para outros países, devido à universalidade dos temas presentes em sua obra. Ao escrever a partir das suas observações sobre a infância e sobre a vida, sua literatura tem uma marca universal, com abordagem de temas comuns à humanidade.

Bartô, como costumamos chamá-lo carinhosamente, é autor de prosa poética indicada para crianças com domínio de leitura, de contos e relatos curtos; é também autor de poesia lúdica para crianças pequenas, caracterizadas, internacionalmente, como picture books ou livros álbuns, onde o autor brinca com a forma, sonoridade e semântica das palavras. Além disso, possui novelas em capítulos para crianças e jovens com experiência de leitura, bem como poemas bastante líricos e ricos em imagens oníricas.

Ele é um dos primeiros autores da literatura infantil e juvenil brasileira a fazer uso de uma prosa poética, que se aproxima muito do poema narrativo.

Seu compromisso com a beleza e com a arte, como direito de todos para uma vida melhor e mais justa, se reflete no cuidado de cada palavra de seu texto.

Sua linguagem, rebuscada na estética, trata de conteúdos complexos e filosóficos que ele consegue expressar de maneira própria e original. Pela lapidação que faz na busca das palavras e da construção das frases, seus textos são acessíveis a crianças pequenas e maiores.

Temas como vida e morte, perda, a passagem do tempo, infância, a relação do mundo adulto com a criança, característica também de alguns autores brasileiros, leitores de Monteiro Lobato, são abordados de forma única contribuindo para introduzir crianças e jovens no texto literário.

Detentor de inúmeros prêmios nacionais e internacionais, Bartolomeu participa ativamente do movimento nacional em prol da literatura, como direito para todas as crianças, jovens e adultos e seus textos são amplamente usados nas escolas, bibliotecas e eventos de todo país, inspirando e influenciando alunos e professores no modo de se relacionar com a leitura literária.

É um dos autores de literatura infantil e juvenil no Brasil que possui mais estudos publicados sobre a sua obra: são mais de cinco livros sobre a produção literária de Bartolomeu, além de outros ensaios e capítulos de livros.

A obra de Bartolomeu para crianças e jovens já faz parte dos clássicos brasileiros e esperamos que venha a ser cada vez mais conhecido de crianças e jovens de outros países.



Bartolomeu Campos de Queirós
uma inquietude encantadora

Dossiê para o Prêmio Hans Christian Andersen

TRECHO DE ARTIGO ESCRITO POR VANIA REZENDE, ESPECIALISTA EM LITERATURA INFANTIL E JUVENIL.

Querido Bartolomeu, de todos nós, de todas nós

Percorrendo a sua vida e a sua obra, desconfiamos de que você tenha sido abençoado por algum deus sutil e protetor da arte, amante da poesia. Retribuindo a essa distinção com que a sua individualidade foi contemplada, em troca, você potencializou a vida em muitas formas e dimensões, desdobrando-se em espaços, seres, fantasias. Na sua auto-apresentação, situamos referências ao seu nascimento (no ano de 1944, em Papagaio, MG), às suas origens versáteis, a que associamos marcas excêntricas do humor e da poesia, impregnados na sua interioridade e na sua linguagem:

As faltas, as carências, as dores, que também fazem parte dos múltiplos eventos da vida, você soube driblar, sujeito ao encantamento de que o ser humano e o artista podem metamorfosear-se, nascendo a cada dia. Levado pela possibilidade de constantes renascimentos, a sua existência e a sua obra têm sido tecidas de maneira preciosa, para você e para nós, perfazendo caminhos de exuberante vitalidade criadora, atingindo a essência de universalidade.

Aplaudimos, então, o Bartolomeu, exímio construtor de universos literários, em que a matéria-prima é a fantasia, forjada nas mãos do artífice do verbo que elegeu a arte como ofício. Que tem na palavra e na forma do imaginário o veio inaugurador de vida. Que se entrega lucidamente às questões que envolvem o seu fazer, pensado, elaborado e refeito a partir de aguda consciência crítica e do compromisso estético.

TRECHOS DA ENTREVISTA PARA O JORNALISTA CARLOS HERCULANO LOPES DO ESTADO DE MINAS, EM JANEIRO 2009

A voz doce das palavras

Com importante obra infanto-juvenil, Bartolomeu Campos de Queirós vai além da limitação dos gêneros e se firma como um dos autores brasileiros mais respeitados no país e no exterior

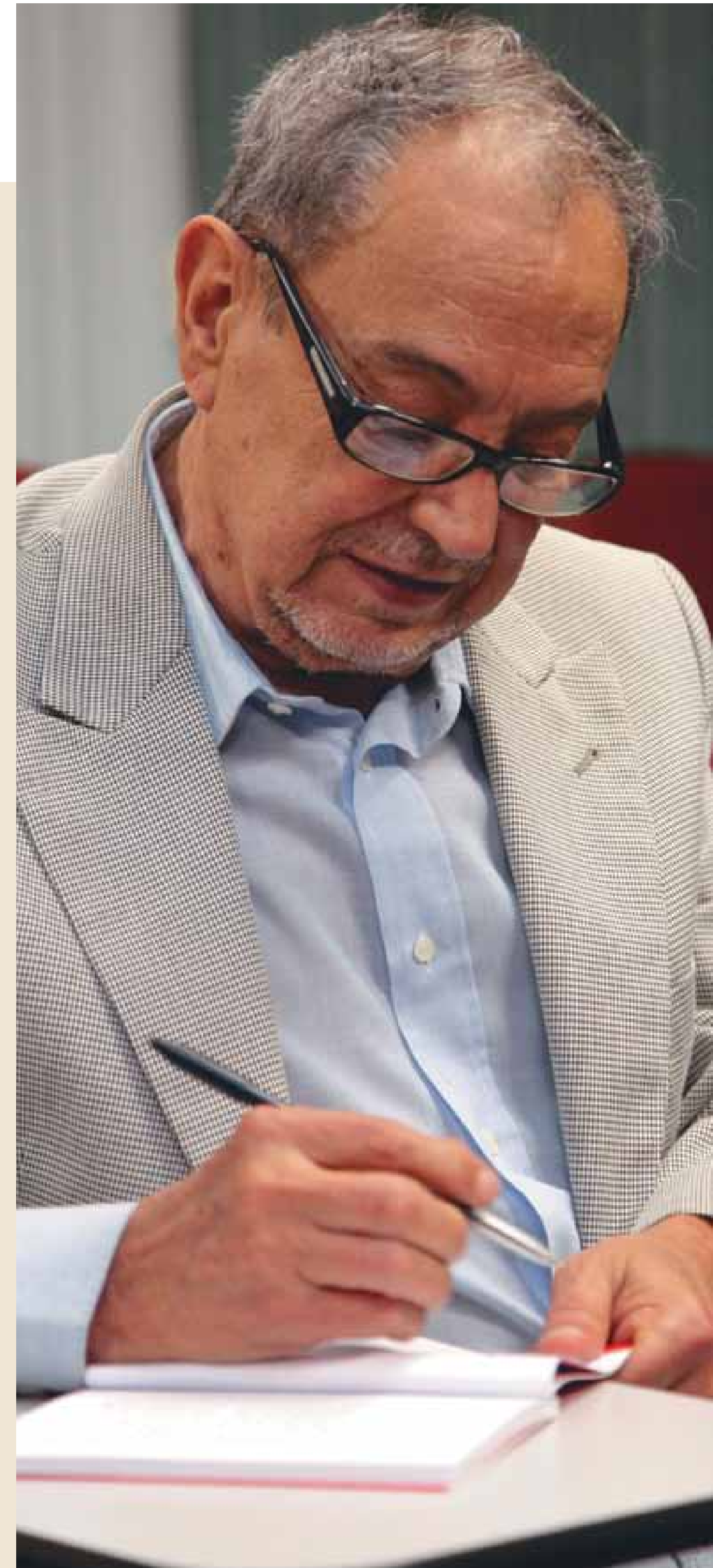
TANTOS LIVROS PUBLICADOS, MUITOS PRÊMIOS, RECONHECIDO EM TODO O PAÍS E NO EXTERIOR. QUANDO VOCÊ PERCEBEU QUE A LITERATURA HAVIA ENTRADO DEFINITIVAMENTE EM SUA VIDA?

Percebi isso aos poucos, ainda na adolescência, à medida que fui me dando conta que eu era um bom leitor, que me sentia muito bem lendo. Em um dado momento, então, vi que estava na hora de também registrar um pouco do que pensava e comecei a escrever. Antes disso, não pensava em ser um escritor: achava que iria ser caminhoneiro, como o meu pai. Ele transportava manteiga de Pitangui, que é pertinho da minha terra, Papagaio, para o Rio. Como as estradas eram ruins, as viagens, às vezes, costumavam durar até uma semana. Era uma aventura e tanto e cheguei a acompanhá-lo uma vez. Foi nessa época que me ensinou a dirigir: colocava um travesseiro no colo para dar altura, eu assentava em cima e ele me

entregava o volante. Modéstia à parte, desde então sou bom motorista. A estrada sempre me fascinou, acho que minha gana por viagens começou por esses tempos.

QUANDO FOI QUE O PROVÁVEL CAMINHONEIRO FOI PERDENDO LUGAR PARA O FUTURO ESCRITOR?

Quando fui estudar como interno em Divinópolis, no Colégio São Geraldo, onde fiquei durante cinco anos, até completar o ginásio. Lá comecei a tomar gosto pela leitura, incentivado pelo professor José Dias Lara, que me deu para ler romances de Machado de Assis, José de Alencar e José Lins do Rego. Fiquei entusiasmado. Mas sem me esquecer das viagens com meu pai. Foi na companhia dele, inclusive, que fiquei conhecendo o mar, em Copacabana. Mas confesso a minha decepção, pois o grande oceano com o qual eu sonhava, embalado pelas histórias do meu pai, era muito mais bonito do que o que eu vi.



Uma Inquietude Encantadora

TRECHOS DA ENTREVISTA AO JORNALISTA E ESCRITOR MÁRCIO VASSALLO PUBLICADA NO JORNAL NOTÍCIAS DO 5º SALÃO FNLIJ

NOTÍCIAS DO SALÃO – No seu livro *Até passarinho passa* (Moderna), você pousa nos temas da morte, da perda, da ausência doída num menino. É um dos seus livros mais largos de lindeza. Como falar da morte, sem ser piegas, sem ser melodramático?

BARTOLOMEU CAMPOS QUEIRÓS – Nada é mais popular do que a morte...

NOTÍCIAS – A morte nasceu para todos?

BARTOLOMEU – Sim, não tem nada tão democrático quanto ela. Acho que a morte é que inaugura a vida. A morte precisa do nascimento, para exercer o corte dela. Para mim, a morte é a coisa mais exagerada que existe no mundo. Ela é muito indecifrável.

NOTÍCIAS – Você já me disse que geralmente convive bem com as coisas indecifráveis. Será que você convive bem com a morte?

BARTOLOMEU – Não, engraçado, eu não convivo bem com ela. A morte é muito cruel. Quando estava escrevendo *Até passarinho passa*, foi um momento em que olhava o mundo e já sentia uma profunda saudade dele.

NOTÍCIAS – Também em *Até passarinho passa*, um menino se derrete de amor por um passarinho, e fala sobre o seu amado. “Ele conhecia os perigos do chão. “No ar, não existe caminho traçado, todo espaço é direção. Na terra, sofre-se de muitos impedimentos. Não me pedia nada, esse amigo amado, nem se mostrava interessado em migalhas. Nossa felicidade era maior: estar face a face, sem susto ou posse”. O que é mais assombroso nesse tipo de felicidade, Bartolomeu?

BARTOLOMEU – O assombro que eu tenho diante do outro é de poder conviver com a diferença. Precisamos nos manter abertos para estar com o outro dentro do desejo dele. Às vezes, nos apaixonamos pela própria fantasia que criamos do outro. Isso é uma coisa assombrosa. O grande exercício humano é nos apaixonarmos pelo outro como ele é, na realidade, e não pelo outro que cumpre o nosso desejo.

NOTÍCIAS – Será que muitas vezes nos apaixonamos pelo prolongamento das nossas vontades?

BARTOLOMEU – É isso mesmo... Eu não quero que o outro seja um prolongamento das minhas vontades. Isso é uma coisa que faz as crianças sofrerem, principalmente no processo de educação, quando a escola só considera



Bartolomeu Campos de Queirós
uma inquietude encantadora

bom aquele aluno que cumpre o desejo do professor. Isso me assombra muito, porque já começamos com uma educação em que somos convidados, solicitados ou avaliados, à medida que cumprimos o desejo do outro.

NOTÍCIAS – Um pensamento seu: “O que a escola pretende é menos do que a arte possibilita. A escola empobrece a literatura quando interrompe o voo permitido por ela (...)”. O que mais nos derruba nesse voo interrompido?

BARTOLOMEU – O que mais nos derruba é que o resultado desse voo interrompido não acontece amanhã nem imediatamente, ele acontece muitos anos depois. Se hoje você comete uma injustiça com alguma criança, isso não vai aparecer daqui a uma semana, mas sim uma geração depois. Nesse sentido, o que mais me apavora na escola é o exercício que se tem de igualar todo mundo, de exigir de todo mundo a mesma resposta, e de ter um conceito para todas as crianças.

NOTÍCIAS – Por falar em crianças, qual a grande importância do Salão do Livro para Crianças e Jovens da FNLIJ?

BARTOLOMEU – O Salão tem sido muito bem recebido pela sociedade. Essa receptividade tão bela já mostra a própria importância do evento para as pessoas. Mais do que tudo, o sucesso de público do Salão reflete a importância cada vez maior que as pessoas vêm dando à leitura. E a FNLIJ é responsável pelo crescimento de toda a literatura infantil e juvenil do Brasil. As pessoas que rodeiam a Fundação olham com todo o cuidado para a produção editorial brasileira e se preocupam muito com a divulgação dos livros de qualidade.

NOTÍCIAS – Nos livros *O peixe e o pássaro* (Formato), e *Ah! Mar...* (RHJ), você fala dos desejos que mexem com a gente, entre a asa e a escama, entre o mar e a montanha, entre o passo e o olho. Os seus desejos são mais puxados para o céu, para a terra, ou para o meio do caminho?

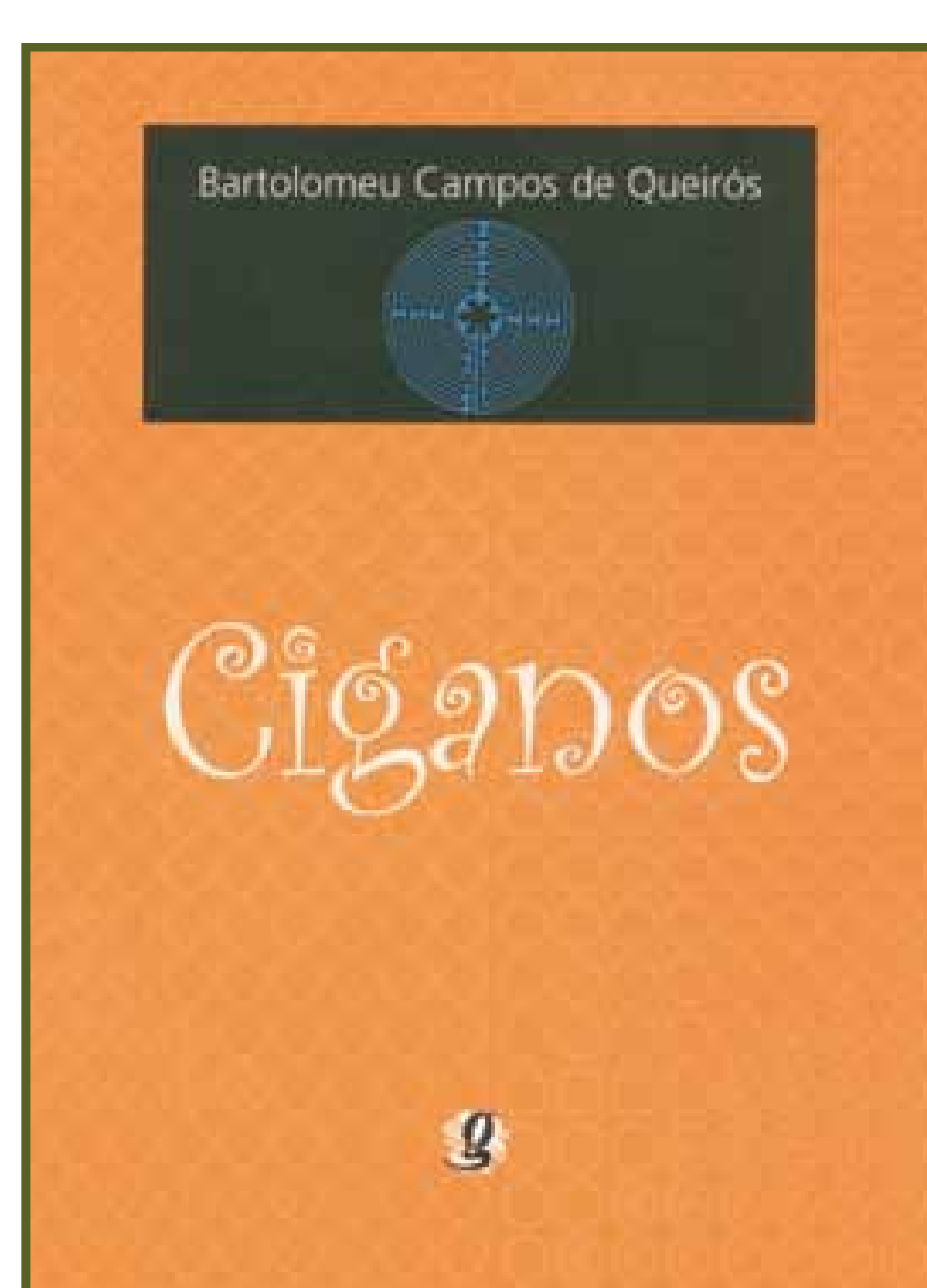
BARTOLOMEU – Não sei, não sei... Acho que os meus desejos me puxam de todos os lados. Mas o mundo tem me puxado de forma brusca e me causado muita dor. Eu me machuco muito com os desencontros, com as injustiças, com a falta de solidariedade, com a ausência de fraternidade. E muitas vezes preciso de um voo para dar conta disso tudo. A dureza da realidade nos faz fantasiar. Acho que eu fantasio por causa da dor.

NOTÍCIAS – O que mais te dói e te incomoda? Ver tudo o que já passou, ou imaginar o que virá?

BARTOLOMEU – O que mais me incomoda é a possibilidade de um dia perder o desejo. Eu acho que morrer é perder o desejo. A gente morre quando não deseja mais.

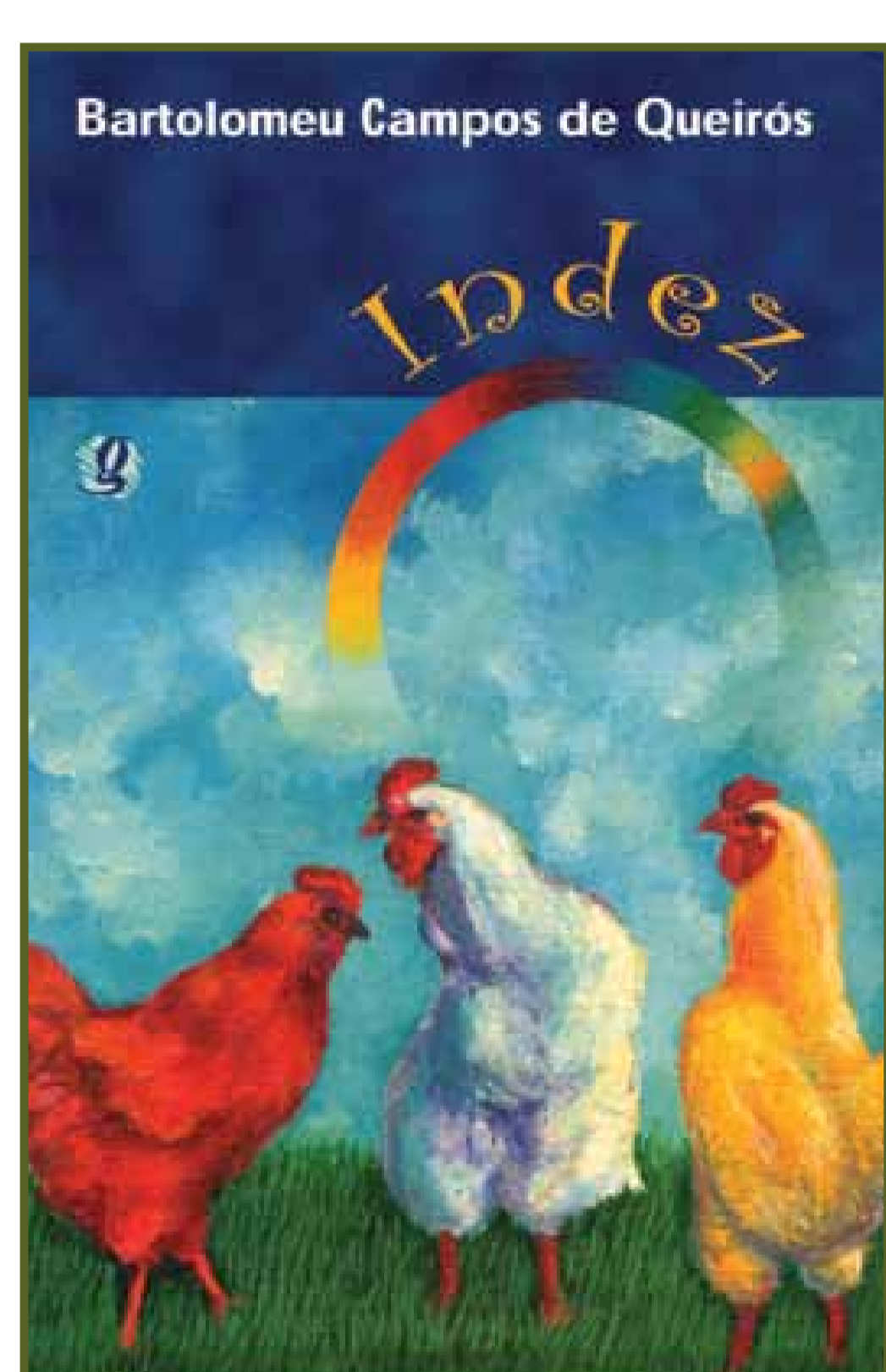


Livros selecionados para o dossiê do IBBY | Anos 80 e 90



Nascia assim, como a morte, uma vila colorida que se aninhava naquele povoado antigo. A presença dos ciganos mudava o ritmo de ser da cidade. Portas eram cerradas, roupas não dormiam em varal, nem cavalos soltos nos pastos. Essa maneira milenar que os ciganos tinham de estar no mundo – nascendo em cada chegada e morrendo em cada partida – incomodava os habitantes da cidade, sempre a perseguirem o eterno.

CIGANOS. Ilustrações Pierre Derlon, 1982 | GLOBAL



Antônio caminhava pela estrada como se estivesse andando no arame ou pisando em ovos: devagar e atenciosamente. Seus passos eram lentos. Nenhum tropeção, nenhuma queda, nenhum susto. Todo cuidado era pouco. Ele sabia que o seu olho é que não deixava a tinta entornar. Sem piscar, ele escolhia o caminho, controlava as passagens em pinguelas e mata-burros.

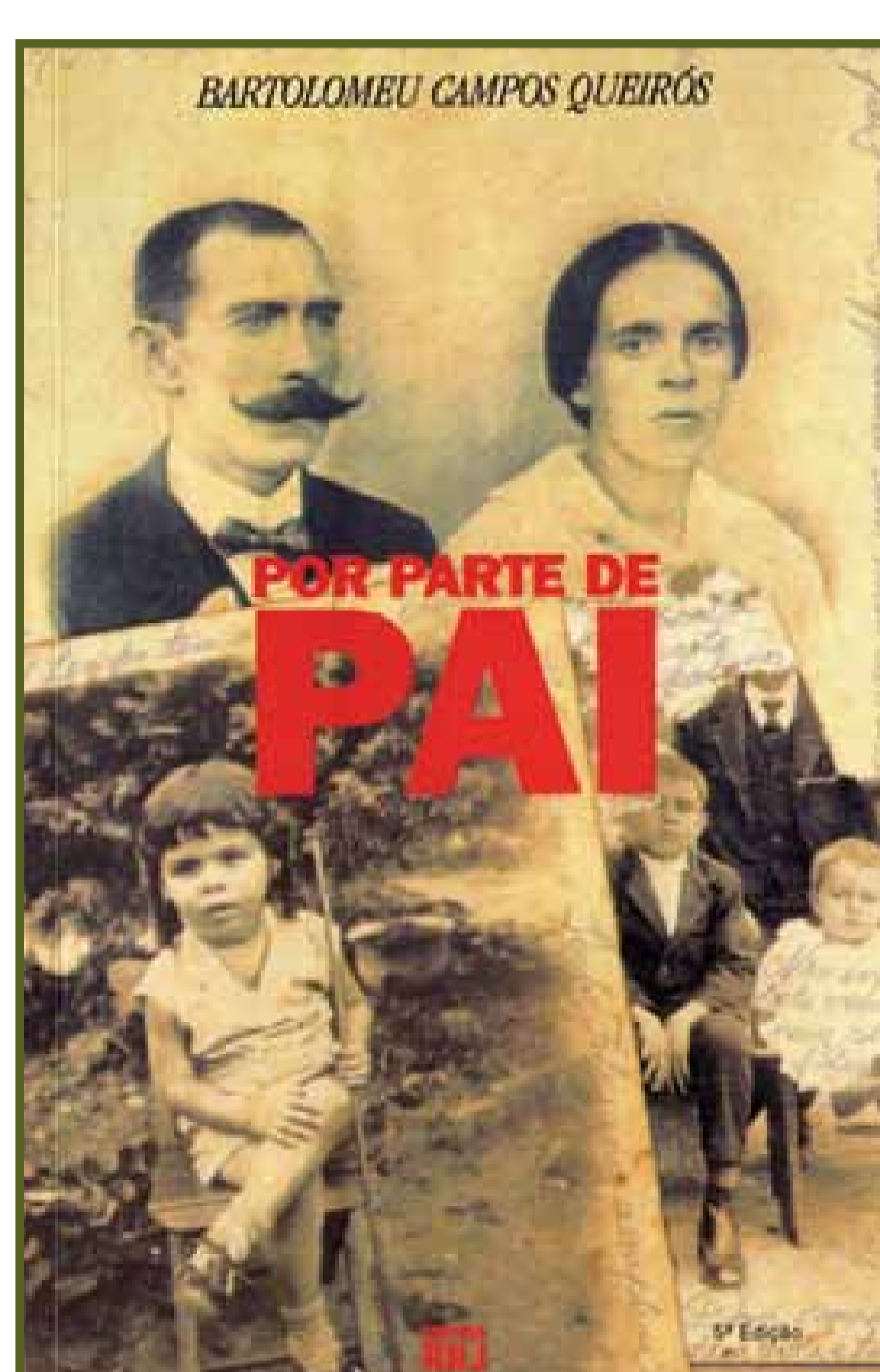
Quando os pássaros, entrando pela boca da noite, escreviam, com penas noturnas no céu, o avô lia os sinais dos ventos, das cores, das nuvens e previa chuva, colheita, frio.

INDEZ, editora, 1989 | GLOBAL



Sem quebrar o costume, todos se recolhiam na hora de sempre. Pareciam saber que temos de presentear a vida com o sono. Dormir é esquecer, temporariamente, de tudo. Dormir é descansar, é tomar fôlego. “A natureza sabe das coisas”, ensinava a mãe, enquanto apagava as luzes e fazia cruzeiros atravessando as taramelas nas janelas. Embolados em lençóis, os meninos, habitados por histórias, abençoados pelos pais, pela avó, na sombra das asas do anjo da guarda, se deixavam adormecer com a possibilidade de sonhos de presente.

FACA AFIADA. Ilustrações Odilon Moraes, 1992 | MODERNA



Todo acontecimento da cidade, da casa, da casa do vizinho, meu avô escrevia nas paredes. Quem casou, morreu, fugiu, caiu, matou, traiu, comprou,, juntou, chegou, partiu. Coisas simples como a agulha perdida no buraco do assoalho, ele escrevia. A história do açúcar sumido durante a guerra, estava anotado. Eu não sabia por que os soldados tinham tanta coisa a adoçar.

Os anos lixaram a madeira do banco na porta da cozinha. Com a chuva, o sol, o sereno, a tábua ficou lisa, clara, curtida. Por muitas vezes eu me assentava nele enquanto meu coração me perguntava um monte de porquês silenciosos. Sem resposta nenhuma, eu via, lá no fundo, moitas de bananeiras que já haviam dado cachos e meu avô não as cortava para não desbastar a paisagem. Os olhos precisam de conforto, ele me dizia, quando indagado sobre essas bananeiras mudas e sem mais futuro.

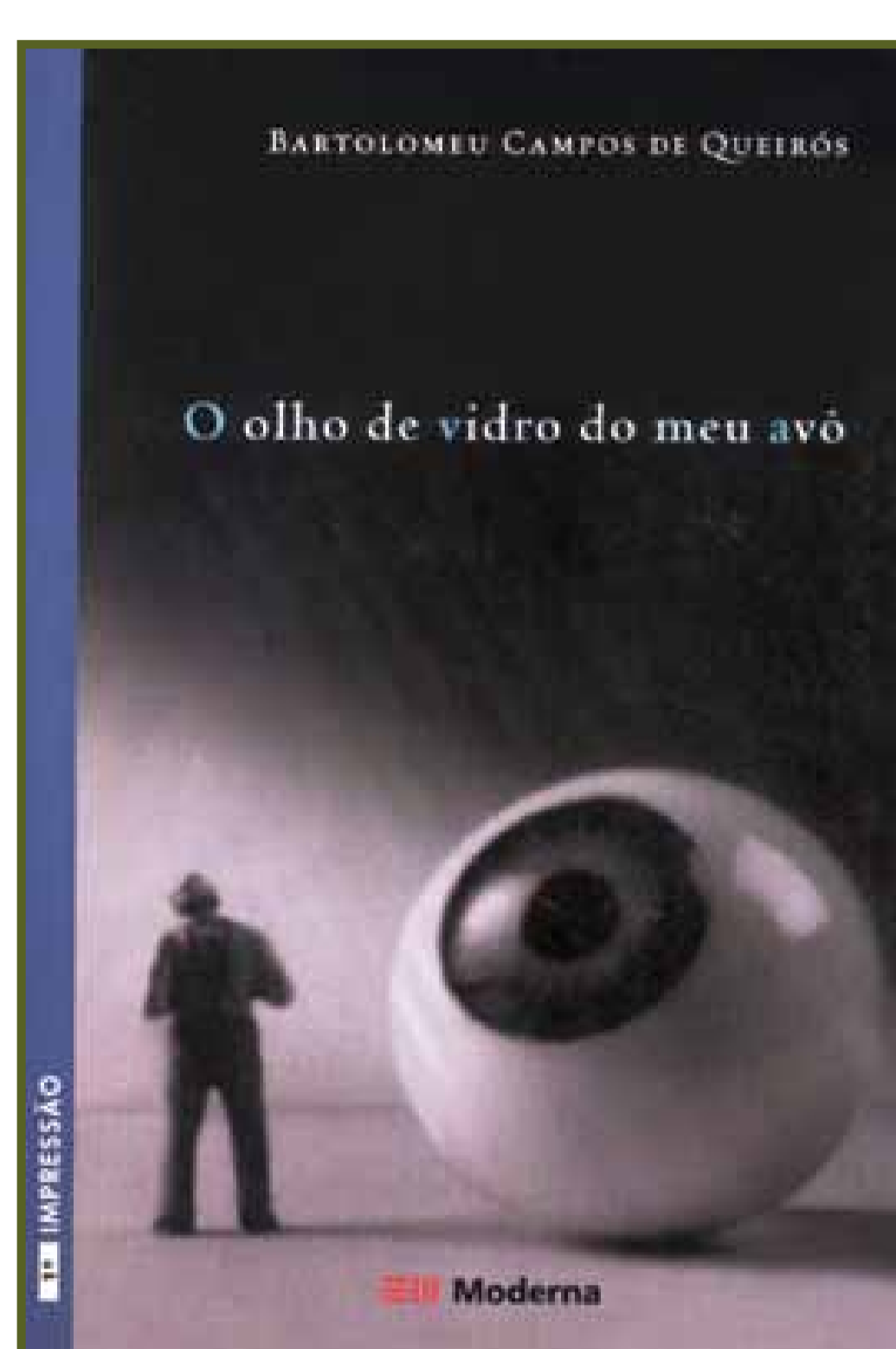
POR PARTE DE PAI, 1995 | RHJ

Livros selecionados para o dossiê do IBBY | Anos 2000



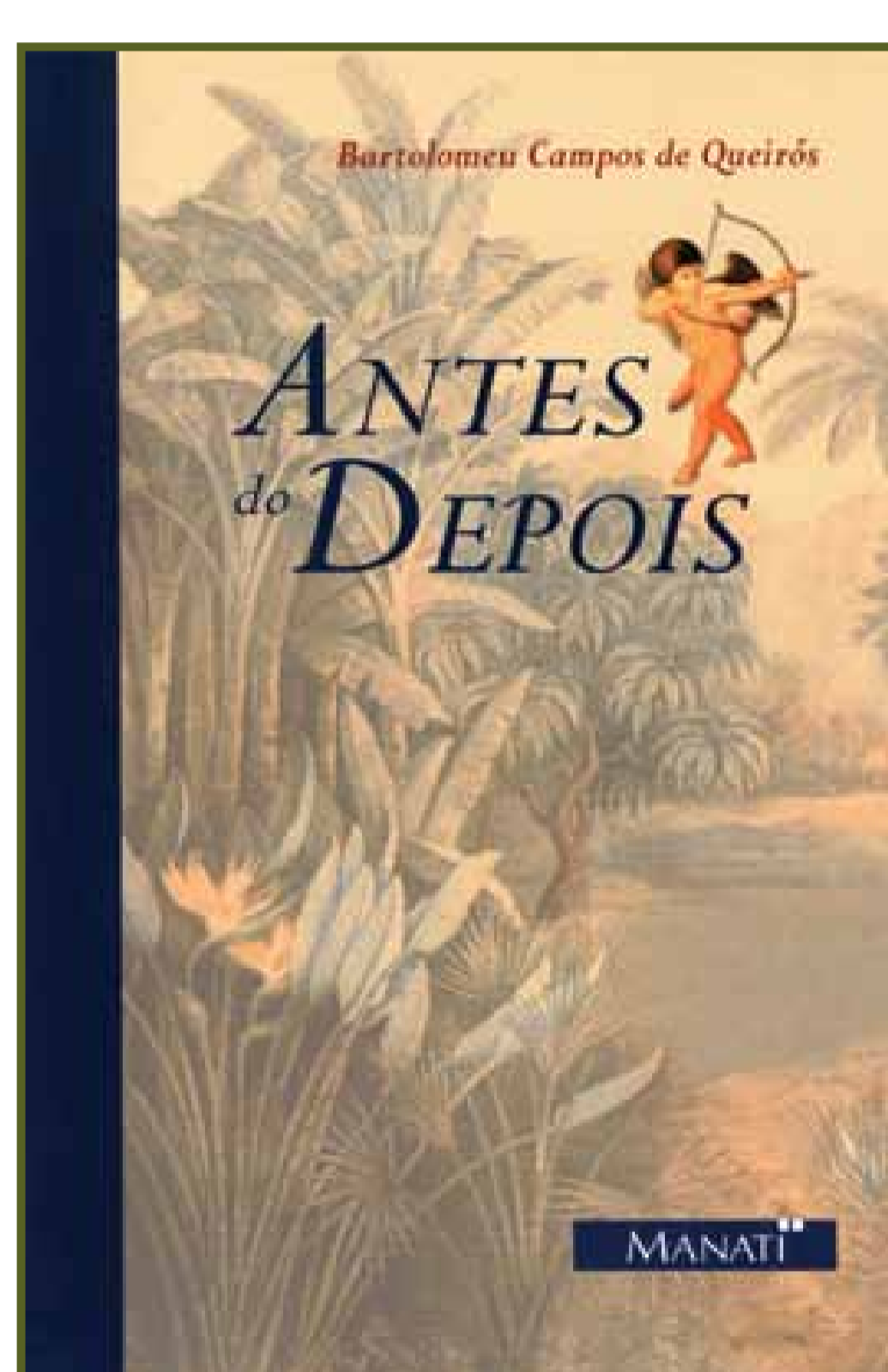
E como eu amava esses passarinhos! Eram vírgulas delicadas pontuando o vazio e as suspeitas. Quando eles surgiam, em bando ou solitários, meu coração deixava de bater para não assustá-los. Meu corpo ficava imóvel para não impedir suas procuras. Minha respiração interrompida fazia surgir uma pausa necessária para inaugurar uma liberdade mais definitiva. E minhas mãos cruzadas prometiam avisá-los que só os tocara com o olhar. Eu pensava que para amar passarinho só os olhos bastavam. Mas eu sofria de uma coceira incômoda na palma da mão. Vontade de pentear suas penas com meus dedos.

ATÉ PASSARINHO PASSA. Ilustrações Elisabeth Teixeira, 2003 | MODERNA



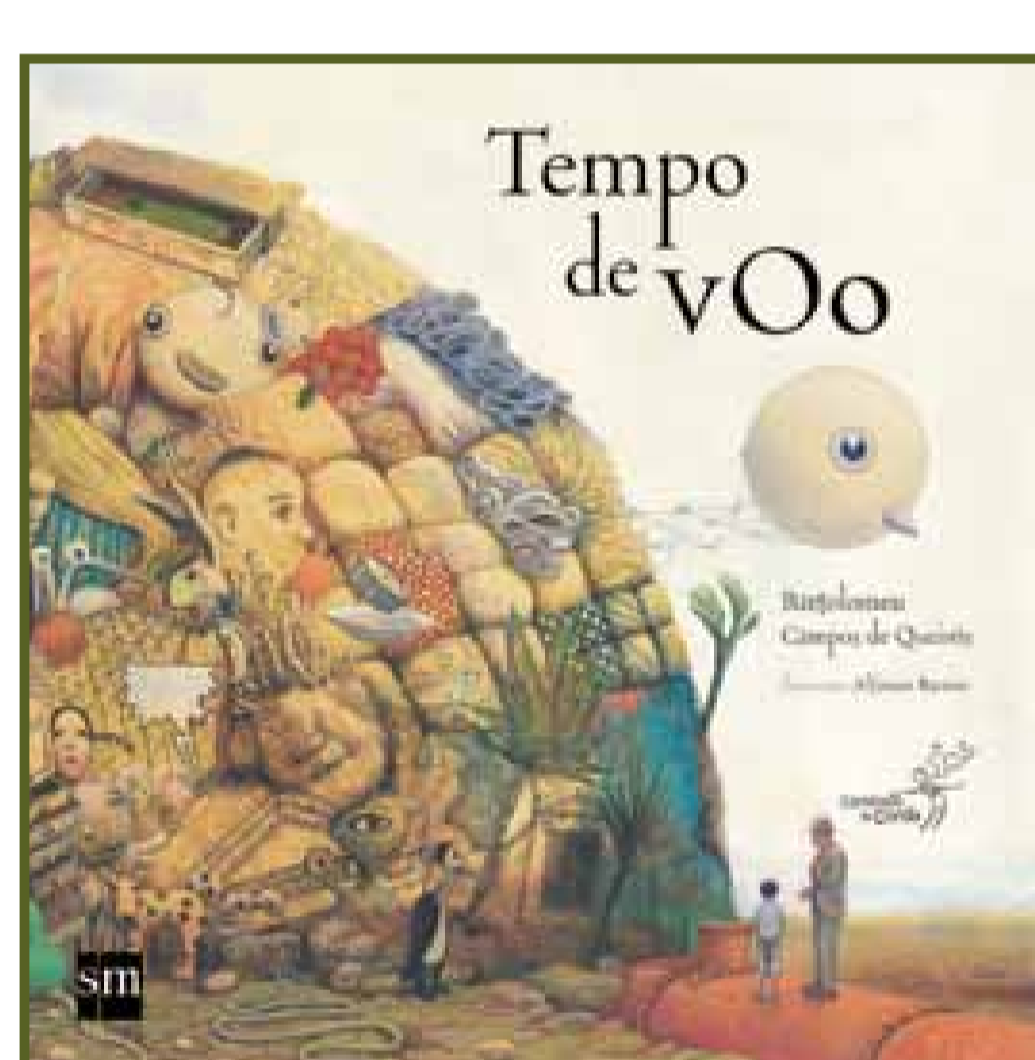
Mas tudo isso não tinha importância. O que me preocupava era o olhar de meu avô. Quando o dia estava claro, céu azul, sol alto, ele colocava seus óculos escuros, ray-ban. Com seus olhos, assim cobertos, eu ficava mais tranquilo. Seu olhar não buscava por mim. Meu avô ficava parecendo motorista de caminhão. Naquele tempo eu não conhecia piloto de avião. Os pilotos cobrem os olhos para tirar a luz do caminho. O vazio brilha muito. A profissão mais bonita, naquele tempo, era ser chofer em estradas. Não ter medo de distância e trocar de destino, sempre. Ter encruzilhadas é poder escolher.

O OLHO DE VIDRO DO MEU AVÔ, 2004 | MODERNA



Mas tudo depende da minha memória. Há dias em que estou mais para esquecer e outros para mais lembrar. Tem instantes em que nem existo, sou algodão-doce. Em outros, eu existo demais, sou chumbo! Não conheço borracha para apagar memória. É uma boa coisa para a gente inventar e ficar rico. Memória não tem filtro e armazena tudo. Memória a gente não rasga, não joga no lixo, não lava com sabão. Memória é sentinela, e nos vigia sempre. A memória não vê mas não tira o olho. Vai somando vida afora. Tudo que a gente olha, ouve, toca, come e cheira, a memória não esquece. E, de repente, transborda mais rápido que enchente.

ANTES DO DEPOIS, 2006 | MANATI



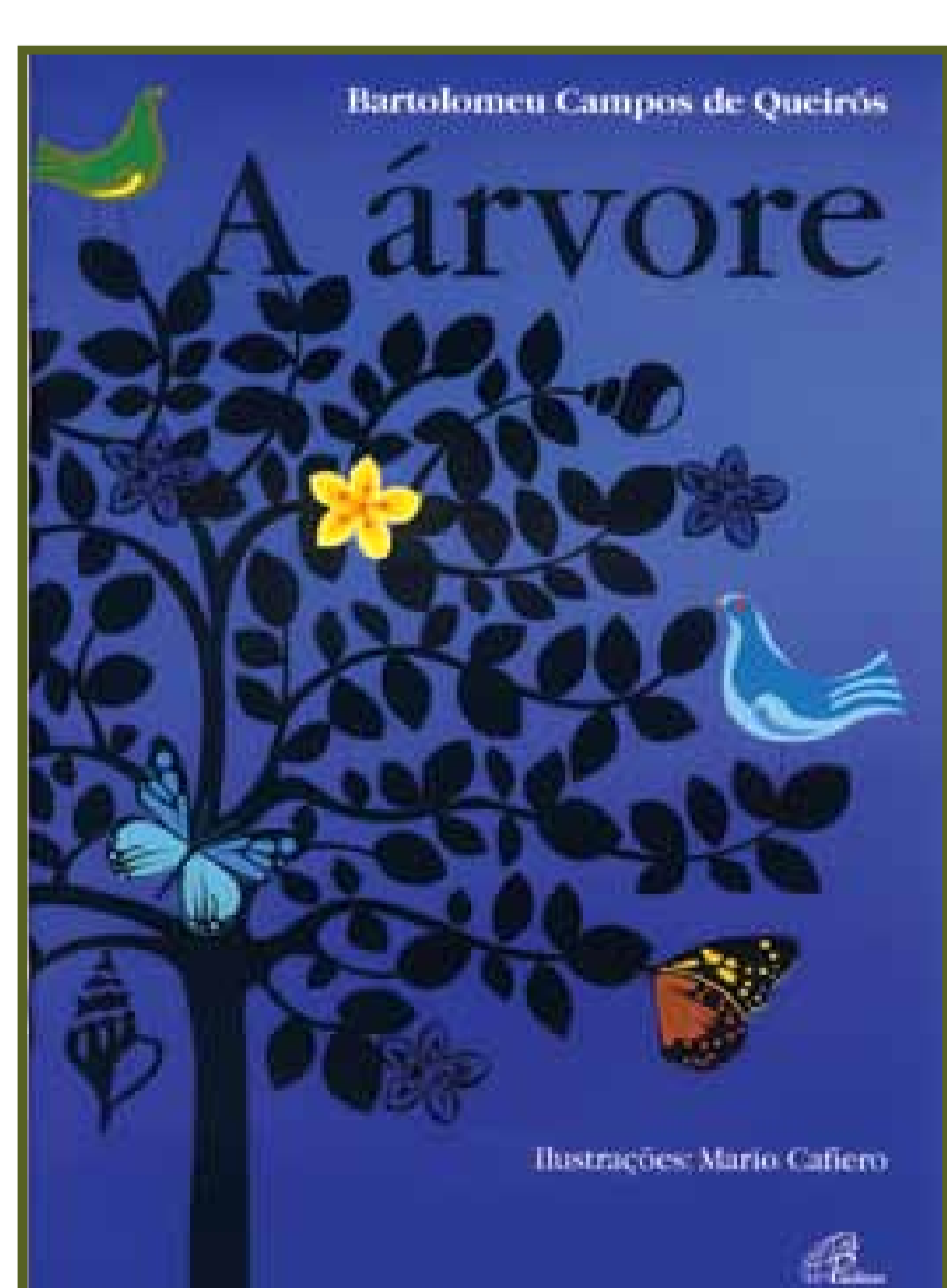
Ele está sempre acordado, viajando e vigiando tudo. Sabemos que ele existe porque modifica todas as coisas. O tempo troca a roupa do mundo. Ele muda a história, desvia águas, come estrelas, mastiga reinos, amadurece frutos, apodrece sementes. Nada fica fora do tempo. Moramos dentro dele e impedidos de abraçá-lo. O tempo foge para não ser amado. Quem ama para e fica. O tempo foge.

TEMPO DE VÔO. Ilustrações Alfonso Ruano, 2009 | COMBOIO DE CORDA/SM



Chegou um dia em que a saudade me pediu para trazer de longe a minha infância. Usei os óculos e me vi brincando na rua, escutando história da minha avó, esperando a chegada do Natal, nervoso diante de meu primeiro caderno e aprendendo a ler na cartilha da Lili.

SEI POR OUVIR DIZER. Ilustrações Suppa, 2007 | EDELBRA

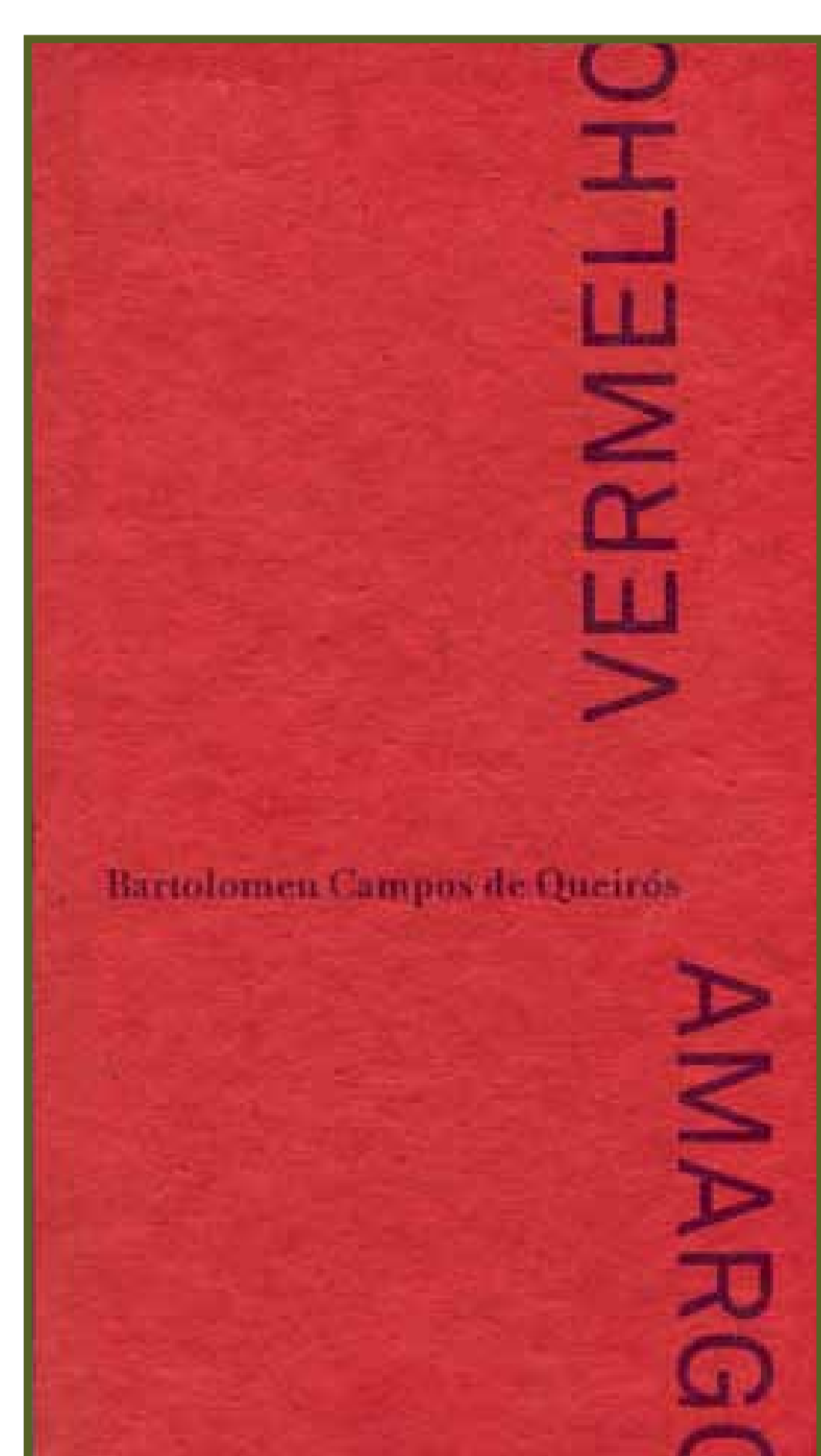


Minha árvore é casa para tantos passarinhos. Eles pousam, repousam nos galhos e cantam, ou ficam calados para bem escutar o mar. Costuram ninhos, com as agulhas dos bicos, nas ondas do mar verde e escondem seus ovos em espumas. Se tomam banhos, os passarinhos fazem de conta que os galhos são seus varais, e se secam arrepiando as penas. Passarinho gosta muito de banhar as penas. Em minha árvore moram também outros bichos, que só olhos curiosos podem enxergar: borboletas, cigarras, grilos, lagartas, formigas, abelhas.

A ÁRVORE. Ilustrações Mario Cafiero, 2010 | PAULINAS

Bartolomeu Campos de Queirós
uma inquietude encantadora

Vermelho amargo – último livro publicado em vida



Minha irmã maior gostava de agulhas. Meu primeiro irmão mastigava vidro. Uma brisa morna morava na ponta dos dedos da quase moça. Ela trespassava na agulha uma linha, de azul profundo, e bordava. Tecia paisagens com ponto de cruz, miúdos, mas tão miúdos, que ficava difícil acreditar que não eram mares as águas que ela crucificava. Não erguia a cabeça quase nunca. Vivia curvada sobre os panos, construindo suas cruzeiras sobre um desconhecido calvário. Na testa trazia uma cicatriz enviesada. Os olhos exigiram lentes grossas para desanuviar o mundo. Ao brincar com sua boneca de celuloide, trancada no banheiro - escondendo-se do pai - caiu e levou muitos pontos. O medo bordou sua frente com pontos de dor.

VERMELHO AMARGO, 2011 | COSAC NAIFY

HOMENAGEM | Luiz Raul Machado, escritor

Agora, Bartolomeu nos dá um presente especial: Vermelho amargo. Quase digo que é um livro para adultos, não fosse alimentar a eterna e inútil discussão sobre o que é literatura para jovens. É claro que o jovem que já é leitor e é sensível vai mergulhar nesta novela – o livro mais machucadamente pessoal do autor. O narrador percorre a difícil e inevitável via-crucis em busca da maternidade, tendo como fio condutor a espantosa metáfora da cor e do amargor do tomate. Os parágrafos iniciais alternam a presença opressiva da madrasta e a ausência dolorida do carinho da mãe. Em breves e precisas pinceladas, o pai e os irmãos surgem para o leitor como personagens inesquecíveis: o que comia vidro, a que miava no lugar de gato mudo, a que bordava em ponto-de-cruz e que abraça uma cruz em sua vida. A descoberta do escondido amor no porão. A partida dos irmãos, um a um, em contagem regressiva que anuncia a solidão.

BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS LANÇA ROMANCE DE MATURIDADE | João Paulo, jornalista, editor do Estado de Minas Cultura 09/04/2011

(...) O novo livro do autor, Vermelho amargo, está destinado a ser um ponto de referência na literatura brasileira contemporânea. Volume enxuto, com pouco mais de 60 páginas, apresenta ao leitor um mergulho na memória pessoal. É, ao mesmo tempo, uma pesquisa histórica sobre a formação brasileira vista do interior, uma história de família, uma aposta na força seletiva das lembranças que ficaram da infância, intensa poesia sobre o sentido da felicidade e a tentativa de definir a descoberta do amor. Em cada um desses veios, com prosa poética potente, Bartolomeu acrescenta doses de fantasia e invenção. Esse livro pode ser lido como novela autobiográfica, sucessão de poemas íntegros a cada parágrafo, esforço memorialístico concatenado pela busca do sentido e até mesmo como ensaio sobre a dor e a redenção. Ou, o que talvez seja mais exato, tudo isso ao mesmo tempo.

Vermelho amargo é narrado em primeira pessoa por alguém cujo nome não ficaremos sabendo. Ninguém tem nome no livro, como a indicar que se trata da grande família humana. O narrador também não identifica sua cidade, ficando claro que se trata de um entre tantos povoados do interior mineiro ou, quem sabe, de uma aldeia russa – que, de acordo com Tolstói, é o único sítio, pela proximidade afetiva, do qual se pode engendrar a universalidade. Entre memórias e fantasia, a única certeza é dada

pelo enquadramento da natureza: estamos em maio, quando as manhãs são secas e frias. O narrador, confesso, principia dizendo ser “tentado a mentir-me”. (...)

A primeira experiência psicológica é a da dor. “Vim ao mundo molhado pelo desenlace. A dor do parto é também de quem nasce. Todo parto decreta um pesaroso abandono.” O menino que percebe o poder curativo do beijo da mãe logo se vê órfão e sem lugar, numa casa que ganha os ares do provisório que se eterniza. O que era lar se torna exílio. O narrador se vê então apresentado à metáfora que parece englobar toda a sua vida a partir daí: o tomate. Com seu vermelho e ubiquidade, ele é repartido a faca em cada refeição, pela determinação seca da madrasta, entre todos os integrantes da família. Pela fatia fina, por meio da qual é possível ver o arroz, o feijão e a abóbora, perpassa toda a relação do menino com o mundo das coisas e dos homens. Uma história de perda e construção. (...)

O livro não se resolve como a fabulação de um rito de passagem, menos ainda como compreensão redentora dos mistérios gozosos e dolorosos (muito mais) da infância, que vem depois, com a maturidade. O apelo é pela força originária da memória, que não passa e vive em nós para sempre. “A culpa é relativa ao tamanho da memória. Esquecer é desexistir”. Que o passado tenha que ser lavado com lágrimas é uma exigência da natureza. Como ilumina o autor, só se salga a carne morta.

Alguns depoimentos do dossiê sobre a obra de Bartolomeu

Em sua já extensa obra, Bartolomeu de Queirós permanece fiel a um projeto de escritura que faz da invenção poética, do trabalho com a palavra nas suas diferentes instâncias um modo original de comunicação de experiências profundas: o verbo é o princípio, o núcleo da vivência do mundo.

MÁRCIO SAMPAIO (ARTISTA PLÁSTICO)

O Bartolomeu não existe. Ou, podemos dizer: já não há mais ninguém como o Bartolomeu. Discordo. Ele existe, definitivamente, e não tem nada deste negócio saudosista de se dizer que já fomos melhores. Estamos vindo por aí, bons e maus, doces e amargos, tristes e alegres. O Bartolomeu é poeta, nasceu com alma de poeta, o que o salvou. Ele é um homem generoso, que transformou suas dores em esperanças e afeto. E faz livros para crianças.

ZIRALDO (ILUSTRADOR)

O que há de invulgar no texto de Bartolomeu é uma leveza, uma transparência que não se traduz em superficialidade. Antes, constitui abertura para regiões profundas da comunicação poética. Por isso, sua expressão consegue ser, ao mesmo tempo, simples e densa. Ler o seu texto é envolver-se de imediato com a magia das palavras, é seduzir-se com a beleza e a musicalidade da prosa.

FÁBIO LUCAS (CRÍTICO LITERÁRIO)

Não é ele tão somente um educador que sabe distinguir, através de estudos filosóficos, pesquisas estéticas e experiência pessoal no seu campo de atividade, o valor da arte no processo educativo. Ele é também um poeta - aquele que mergulha nas águas profundas da preexistência e da inocência, o que aporta à ilha onde todas as cousas se tornam maravilhosamente possíveis; o que acabou descobrindo o segredo da simplicidade.

É de esperar-se que esteja abrindo clareira para novas criações no gênero, de teor e objetivo idênticos; pois a água marinha que traz nas mãos é uma evidência de riqueza espiritual.

HENRIQUETA LISBOA (POETISA)

Mais recente livro do premiado autor mineiro, *O olho de vidro do meu avô* relata com grande força poética, fragmentos da infância do narrador, vivida junto a um avô que fascinava o menino pela circunstância de possuir um olho de vidro. Incapaz de enxergar o lado visível do mundo, tal olho, para a criança, representava a possibilidade de se ver o invisível e inventar a poesia ausente da previsibilidade do cotidiano.

A qualidade literária de Bartolomeu Campos de Queirós, patente e reconhecida em sua já extensa obra, atinge aqui sua expressão máxima, sem perder a capacidade de comunicação com o público jovem ao qual prioritariamente se dirige, num texto que atinge a inteligência e a sensibilidade de leitores de todas as idades.

ANTONIO CARLOS SECCHIN E EDUARDO PORTELLA (ESCRITORES, MEMBROS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS) E LAURA SANDRONI (ESPECIALISTA EM LITERATURA INFANTIL) COMO JURADOS DO PREMIO NACIONAL NESTLÉ DE LITERATURA, 2005, SOBRE A OBRA VENCEDORA O OLHO DE VIDRO DO MEU AVÔ.

Bartolomeu Campos de Queirós
uma inquietude encantadora

O adeus de alguns amigos

NA ESTAÇÃO, UM ÚLTIMO SORRISO

Marina Colasanti

Bartô se foi e quero me despedir dele. Não tive tempo de fazê-lo nos últimos meses, nem podia saber que havia chegado a hora, embora há tempos o soubesse de mala feita. E não posso, agora que o trem partiu, ficar na plataforma da estação vazia sem ter-lhe dado um último abraço, um último sorriso, um último olhar cúmplice.



Um homem muito especial este Bartolomeu a quem já o nome parecia caber com reservas. Era um mudo loquaz, um manso feroz, um tímido exposto. A última vez que estivemos juntos, em BH, setembro do ano passado, no Salão Infante Juvenil, conversamos longamente enquanto numa espécie de camarim esperávamos o início de uma mesa redonda que faríamos, junto com Branca Maria de Paula. Rimos muito. Bartô dizia que tinha decidido ser a favor. A favor de que - perguntei - logo você, tão crítico? De tudo! E ria, com aquele riso sério dele, aquele riso às vezes cortante. Ia ser a favor de tudo, para não se desgastar tanto sendo contra. Contra a fatuidade, contra o arrivismo, contra a vulgaridade mental que anda fazendo tanto sucesso e que ele não suportava.

Conversamos tanto naquela tarde - o início do debate demorava-, a conversa estava tão boa, que ele de repente disse que era isso o que o público devia ter assistido, isso o que o público merecia, ver nós três brincando com palavras e idéias, tudo sincero e espontâneo, tão melhor do que poderíamos fazer no enrijecimento de uma mesa.

Mas tampouco era verdade. Ele sempre podia alcançar o máximo, mesmo sentado, quase imóvel, atrás de uma mesa. Várias vezes o vi. Não era de muitos gestos, não parecia ter muita voz. Começava de cabeça inclinada sobre o peito, as mãos unidas sobre o tampo da mesa, falando bem devagar, baixo. Fazia pausas, como quem procura. Não estava procurando. Seu material principal de trabalho, a memória, estava organizado e pronto. As pausas eram uma forma de dar tempo ao público para sair do ritmo acelerado do cotidiano, sair do seu próprio tempo, e entrar no tempo dele, tempo do narrador que vai desfiar suas histórias.

E as histórias de Bartô, mesmo as mais surpreendentes, eram sempre mais tocantes do que incríveis. A primeira vez que o ouvi contar da sua mãe que, para vencer o tédio de uma vida sem atrativos, e acrescentar algum gosto aos domingos jogava as galinhas no tanque e as pintava com anilina, enchendo o quintal de presenças vermelhas, verdes, amarelas, azuis, pensei que fosse ficção. E talvez o fosse, em parte. Porém, ouvindo-o contar esse mesmo episódio outras vezes, para adultos e para crianças, sempre sério, sempre pausado, as galinhas coloridas deixaram de ter importância, e percebi que ele contava o domingo sem diversão, a vida sem alegria, o cotidiano áspero, e a presença da mãe alegrando tudo com suas manchas de cor.

“Nascer - disse Bartô em seu último livro, o romance autobiográfico *Vermelho Amargo* - é afastar-se do paraíso”. Mas, embora afastado, gostava de repetir com aquele seu entusiasmo discreto: “A vida é um escândalo!” O escândalo da vida, que seu avô - de ficção ou de verdade, sabe-se lá registrava escrevendo nas paredes da casa, foi registrado pelo neto em livros, peças, ensaios. A casa do avô desfez-se, mas o trabalho do neto permanece, e viva está sua assinatura: Bartolomeu Campos de Queirós.

O adeus de alguns amigos

“CARTINHA”

Querido Bartô

Noite passada sonhei com você. E, feito coisa que a gente estava continuando nossa última e breve conversa, lá no Lamas (e não é que já se vão quase dois anos?!), você me reafirmava no sonho teu desejo/intenção de - também - criar uma fundação cultural que, não só acrescentasse seu grão de areia na multiplicação de leitores, mas se tornasse guardiã do teu legado literário. Sempre tão cheio de dúvidas quanto eu, você pontuava teus desejos e intenções com grandes interrogações, e falava, com aquele teu jeito calmo e bonito, da facilidade com que nossos sonhos alçam voo e da dificuldade em alcançá-los. Acordei e logo senti tristeza do nosso papo ter sido, outra vez, tão curtinho. Vai ver foi até por isso que vim te escrever: pra fazer dele um sonho maior. Não, pensando bem, não foi só por isso. Vim, também, pra te contar duas outras coisas. A primeira é que é funda, muito funda, a mágoa que nós, teus leitores, sentimos com essa tua partida



assim tão...sei lá! tão... fora de hora. Nós, que contávamos tantos e tanto com mais livros teus e mais Bartô pra ver e ouvir. A segunda é uma certeza que, quem sabe, vai nos aliviar das dúvidas sonhadas e da mágoa sentida: a certeza de que teu legado literário já encontrou porto seguro em nossos corações e em nossa memória, e é voltando ao que você escreveu e nos legou que continuaremos alimentando nossas imaginações e nossa fome de poesia. A você, companheiro admirável - a nossa gratidão.

Lygia Bojunga (autora)

BARTÔ, O MAGO DA PALAVRA

Frei Betto (escritor) | Estado de Minas - janeiro 2012

O coração de Bartolomeu Campos de Queirós (1944- 2012), pleno de amor e arte, parou na madrugada de 16 de janeiro. Meu querido amigo Bartô transvivenciou. Entrou em “encantamento”, diria Guimarães Rosa.

(...) Em 2003, mereci dele a dedicatória do livro *Menino de Belém*. Era um mago da palavra. Não fazia poesia, não escrevia prosa - criava proesia. Sua prosa é arrebatadoramente poética, como o comprova seu último romance *Vermelho amargo*, de forte conotação autobiográfica. Sua mãe morreu aos 33 anos, de câncer, quando ele tinha 6. Lembrava-se que ela sofria dores atroztes, a ponto de o bispo autorizar que se apressasse a morte dela com uma injeção. Às vezes a dor era tanta que ela se punha a entoar canto lírico. Bartô, por vezes, ligava para sua amiga Maria Lúcia Godoy, cantora lírica, para que ela cantasse para ele ao telefone. (...)

Bartô morava em Belo Horizonte, no apartamento que pertenceu à poeta Henriqueta Lisboa - cuja estátua se ergue à porta do prédio, na Savassi. Gostava da solidão. Precisava dela para escrever. Chegava a pedir à cozinheira que saísse mais cedo. E só admitia que o silêncio fosse quebrado pela música, que ele escutava deitado no chão. Nos últimos anos, mais lia do que escrevia. E o fazia com um prazer quase luxurioso. Narrou-me como se deleitava em abrir um novo livro, reformular suas ideias e conceitos, adquirir novos conhecimentos... (...)

Meu único consolo é a certeza de que Bartolomeu Campos de Queirós vive, agora, imortalizado em suas obras literárias. Reproduzo aqui o que escrevi a ele, em maio de 1998, após ler *Escritura*: “Sua escrita é canto, luz, vereda e afago. Cada frase lindamente esculpida! Proíba-se de tudo o mais para só escrever, porque é a sua única e irrecorrível sentença de vida.”

Bartolomeu Campos de Queirós
uma inquietude encantadora

O adeus de alguns amigos

BRECHAS PARA A LIBERDADE

Ana Maria Machado

“Minha vida começou a se cruzar com a do Bartolomeu no início dos anos 70, quando fizemos parte (com Fanny Abramovitch e outros) de um pequeno grupo de consultores que se reunia uma vez por mês no Rio, no prédio do Museu de Belas-Artes, para uma consultoria de apoio sobre cultura voltada para crianças. Foram encontros muito ricos, de descobertas mútuas e fantásticas, e discussões de excelente nível sobre arte e educação, oriundas das experiências de cada um e de influências tutelares como Augusto Rodrigues, Noêmia Varela, Zoé Chagas Freitas. Que saudade! Nunca mais participei de nada semelhante. Logo fizemos uma equipe coesa, cada um atuando em uma frente, buscando as brechas possíveis no regime militar.

Depois, à medida que fomos publicando cada vez mais livros e o panorama do setor no Brasil foi se consolidando, nossos encontros passaram a ser com frequência em feiras, bienais, seminários, no Brasil e no exterior. Como livreira, fiz lançamentos dele na minha Malasartes. Fomos companheiros de viagens muitas vezes, descobrimos gente incrível fazendo coisas maravilhosas por este país, nos irritamos com a pretensão e ignorância de poderosos com capacidade de emperrar tudo. Participando de mesas-redondas lado a lado, sentíamos-nos cúmplices no impulso de não engolir certas coisas. Despertamos inimizades, mas procurávamos não deixar passar.

Curti muito ouvir palestras dele. Gostei muito de falar para plateias em que lá estava o Bartô



sentado, a me aprovar com acenos de cabeça. Eu sabia que no final ele viria repetir seu mantra: “Ana, um dia você morre de lucidez.”

Adorei vê-lo receber o prêmio de Literatura Infantil na Academia Brasileira de Letras. E tive a alegria de fazer o discurso de saudação a ele, em Guadalajara, no México, quando ganhou o Prêmio Ibero-Americano de Literatura Infantil. Já então, estava com a saúde muito frágil, às voltas com diálises num hospital mexicano, em plena viagem.

A obra dele fica, carregada de humor, poesia, senso crítico e esse nível altíssimo a que nos acostumou e os leitores adoram com toda razão. Um lugar garantido em nossa literatura.

Mas a falta pessoal que Bartolomeu nos faz, só mesmo seus amigos podem avaliar. Não dá nem para falar nisso. Só sei que estou muito mais sozinha”.

Ana Maria Machado é escritora e presidente da Academia Brasileira de Letras

Quanto prazer em ilustrar seus textos e convívio com pessoa de seu nível. Aprendi mais sobre literatura, filosofia e poesia, além de ter me ensinado o básico em culinária. O Bartolomeu era um super gourmet. Assim como as palavras, os alimentos se transformavam em suas mãos em manjares de deuses. Ele inventava pratos que você não acreditava se não provasse. Quem já experimentou moqueca de cajú? Escargot, feito com coração de galinha? Ele inventava cada prato! Quantidade também nunca foi problema. Quantas festas, aniversários, lá vinha ele, direto de Belo Horizonte e fazia o maior banquete para nossos convivas paulistanos. (...) Perdemos um superamigo e o Brasil perde um pensador, educador, poeta, gênio, que queria o melhor para o mundo. Sua obra será reconhecida para deleite do leitor universal.

Mario Cafiero (ilustrador)



Os editores de Bartolomeu lembram o autor e o amigo

GLOBAL EDITORA “Singular. Bartolomeu Campos de Queirós, ao escrever, ignorou grades, prisões e teias. Desfez-se dos muros e soltou-se. Deixou-se vagar entre palavras e criou uma obra ímpar. Ler Bartolomeu é também soltar-se. É voar bem alto, dispensar roteiros e mapas, experimentar o universo inexplorável do sonho. É mergulhar no eu mais profundo e ser seduzido pela magia e leveza das palavras. É aguçar os sentidos e, nessa soltura, sentir ternura e afeto e liberar o sentimento. Tudo isso é possível sim porque existiu Bartolomeu Campos de Queirós.”

MAZZA EDIÇÕES “Para mim, Bartolomeu, como o menino Pedro, tinha o coração cheio de Domingo. Foi assim que ele passou na minha vida.” Maria Mazzarelo.

GRUPO EDITORIAL RECORD “Viajo sem passaporte para depois de mim, para dentro de mim, para além do sonho. Minha fantasia atravessa pedra, fruto e alcança o miolo do mundo. Chego a morar em terras alheias, falando outro alfabeto. A fantasia me cede passagem.” (*O fio da palavra*. Record. 2012).

EDITORA DO BRASIL “As palavras tinham tanta intimidade com Bartolomeu... Era aquela relação bonita de se ver. Nossa sorte é que isso ficou para sempre nos livros. Porque livros nunca se vão.”

EDITORA PEIRÓPOLIS “Em Bartolomeu a literatura não é exercida apenas em sua função estética, mas como um ato de construção do ser humano e de um mundo de paz”.

PAULINAS EDITORA “A árvore de Bartolomeu gerou fruto da amizade sincera e fecunda, onde a saudade veio fazer casa para abrigar as lembranças de quem jamais será esquecido.”

EDELBRA EDITORA “A literatura de Bartolomeu Campos de Queirós apresenta ao leitor universos de múltiplos olhares, provocando um mergulho na sensibilidade humana que só as melhores experiências literárias podem proporcionar”. Nas palavras do próprio autor: “Quanto mais sonho, mais acordado estou”.

EDITORA MODERNA “Sentimos imenso orgulho de termos convivido com o Bartolomeu na sua trajetória literária. Autor talentoso – e muito querido –, com admirável capacidade de despertar sensações e sentimentos por meio

de sua obra: força na prosa, leveza na poesia. Tudo que faz bem para a alma.”

EDITORA SARAIVA Há quatro décadas, *O Peixe e o Pássaro*, primeiro livro de Bartolomeu Campos de Queirós, continua a professar: “o pássaro está no ar, o peixe na água e eu entre os dois – na terra”.

ABACATTE EDITORA “Ter em mãos um livro é libertar-se para dizer sobre o vivido e o sonhado”. Bartolomeu Campos de Queirós.

EDITORA RHJ “O universo poético de Bartolomeu Campos de Queirós nos encanta com a delicadeza e a força de suas palavras, que ora ecoa magia, ora reflete a emoção do dia a dia. Seus livros são prendas preciosas, lições de amor à juventude, afetuosa convites a todas as gerações para que viajem e se emocionem com as palavras.”

MANATI “Bartolomeu Campos de Queirós foi um amigo, um membro muito querido da família Manati, antes de ser nosso autor. Seu título em nosso catálogo é mais que uma honra para nós, é uma prova de sua imensa generosidade.”

EDIÇÕES SM “Um dos mais importantes nomes da literatura infantil e juvenil, cuja obra, repassada de lirismo e abastecida pelos tesouros da memória, há de seguir alargando as fronteiras do presente.”

EDITORA DIMENSÃO “Bartolomeu não era meu, era nosso. Bartolo-nosso. De todo mundo que ama a poesia, a literatura, a leitura, a memória, o ensino, o encanto.” Leo Cunha - Homenagem da editora Dimensão a Bartolomeu Campos de Queirós

EDITORA FTD “Tanto para ler como para escrever, eu preciso do silêncio. Ele é meu companheiro mais próximo. O silêncio me fala e eu escrevo”. Bartolomeu Campos de Queirós.

COSAC NAIFY “Sempre achei que a literatura é uma carícia. Ela nos oferece um caminho de delicadeza – o mais próximo do humano que já conheci. Lendo a bela narrativa de Bartolomeu, *Vermelho amargo*, sinto isso de novo.” José Castello, O Globo.

ESCALA EDUCACIONAL “Bartô é o apreciador maior do silêncio e da manufatura das palavras, ele nos dá o privilégio de, para sempre, podermos lê-lo. Conviver com ele é o inesquecível.”

Bartolomeu Campos de Queirós
uma inquietude encantadora

Lista da obra completa do autor

ANOS 70

O peixe e o pássaro, 1971 | SARAIVA

Pedro, 1973 | GLOBAL

Raul – Luar, 1978 | RHJ

Onde tem bruxa tem fada, 1979 | MODERNA

ANOS 80

Ciganos, 1982 | GLOBAL

Mario ou de pedras, conchas e sementes, 1983 | GLOBAL

Ah! Mar... , 1985 | RHJ

As patas da vaca, 1985 | GLOBAL

Cavaleiros das sete luas, 1986 | GLOBAL

Coração não toma sol, 1986 | FTD

Estória em 3 atos, 1986 | GLOBAL

Correspondência, 1986 | RHJ

Pintinhos e pintinhas, 1986 | FTD

Apontamentos, 1988 | FORMATO

Papo de Pato, 1989 | FORMATO

Indez, 1989 | GLOBAL

ANOS 90

Escritura, 1990 | MAZZA

Minerações, 1991 | RHJ

Faca afiada, 1992 | MODERNA

Diário de classe, 1992 | MODERNA

Por parte de pai, 1995 | RHJ

Ler, escrever e fazer conta de cabeça, 1996 | GLOBAL

ANOS 2000

Rosa dos ventos, 2000 | GLOBAL

Bichos... são todos bichos, 2001 | BRASIL

De não em não, 2001 | GLOBAL

Flora, 2001 | GLOBAL

Os cinco sentidos, 2002 | GLOBAL

Mais com mais dá menos, 2002 | RHJ

A Matinta Perera, 2002 | FTD

Olhar de bichos, 2002 | DIMENSÃO

Piolho, 2003 | RHJ

Menino de Belém, 2003 | MODERNA

Vida e obra de Aletrícia depois de Zoroastro, 2003 | MODERNA

Rosa e Rosa, 2003 | FRANCO

Até passarinho passa, 2003 | MODERNA

Para criar passarinho, 2004 | GLOBAL

O olho de vidro do meu avô, 2004 | MODERNA

Entretantos, 2004 | CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA

O guarda-chuva do guarda, 2004 | MODERNA

Pato pacato, 2004 | MODERNA

De letra em letra, 2004 | MODERNA

Formiga amiga, 2004 | MODERNA

Pé de sapo e sapato de pato, 2004 | BRASIL

Somos todos igualzinhos, 2005 | GLOBAL

Sem palmeira ou sabiá, 2006 | PEIRÓPOLIS

Antes do depois, 2006 | MANATI

Para ler em silêncio, 2007 | MODERNA

Sei por ouvir dizer, 2007 | EDELBRA

O ovo e o anjo, 2007 | GLOBAL

Foi assim... , 2008 | MODERNA

Anacleto, 2008 | LAROUSSE

Menino inteiro, 2009 | GLOBAL

Tempo de voo, 2009 | EDIÇÕES SM

Nascemos livres, 2009 | EDIÇÕES SM

O livro de Ana, 2009 | GLOBAL

ABC até Z, 2009 | LAROUSSE

ANOS 2010

Isso não é um elefante, 2010 | ABACATTE

2 patas e 1 tatu, 2010 | POSITIVO

A árvore, 2010 | PAULINAS

Vermelho amargo, 2011 | COSAC NAIFY

O fio da palavra, 2011 | GALERA RECORD

CURADORIA

Elizabeth D'Angelo Serra

COLABORAÇÃO

Ninfa Parreiras

REVISÃO

Lucília Soares

DESIGN

Estúdio Versalete:

Ana Sofia Mariz e Christiane Mello